

BALE: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

Joana Darc do Nascimento Barros

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – jdjoca@hotmail.com

Aparecida Suiane Batista Estevam

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - suianebatista@gmail.com

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – malupsampaio@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar características marcantes que o programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) carrega em suas raízes, pois além de trazer reflexões sobre como a mediação, a contação de “estória”, discute-se sobre a participação do Programa nos diversos ambientes solicitados, de modo que este influencia no desenvolvimento de um leitor crítico, mas também criativo e autônomo. Refletiremos, portanto, sobre como o mesmo ajuda a despertar no público alvo, o gosto pela leitura. Objetivamos mais especificamente, analisar como se deu a apresentação do conto de fadas: “FROZEN – UMA AVENTURA CONGELANTE” adaptada pelo próprio Programa e apresentada em forma Musical na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental de Bandarra localizada no distrito de Bandarra/PB. Sendo assim, foi necessário realizar um embasamento teórico (BETHELHEIM, 2002; CORSO & CORSO, 2006 e SAMPAIO e MASCARNEHAS, 2006), objetivando maiores contribuições às discussões aqui apresentadas, visando a necessidade de uma maior atenção por parte dos educadores e da comunidade em geral, no que diz respeito aos trabalhos realizados, pois são esses trabalhos inovadores que devem ser introduzidos nas escolas, pois trazem a dinamicidade, magia e criatividade para a leitura, já que muitas vezes esta é vista como uma atividade monótona e repetitiva.

Palavras-chave: Bale, Contação, Imaginação.

Introdução

O programa BALE - Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas é um programa de extensão, que trata de uma ação do Departamento de Educação em parceria com o Departamento de Letras do Campus Avançado “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia” /CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), associado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino-aprendizagem – GEPPE. O programa foi idealizado pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas no ano de 2007 (SAMPAIO e MASCARENHAS, 2006), com foco inicial nas escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio em Pau dos Ferros, mas que atualmente quase uma década depois,

atende não somente as escolas do município de Pau dos Ferros, mas as cidades circunvizinhas e até a outros Estados tendo como objetivo principal a formação de leitores.

Diante dessa breve retrospectiva, objetivamos neste trabalho apresentar algumas das várias características do programa BALE e analisar à proporção que o programa tomou ao longo desses 10 anos de história. Além disso buscaremos refletir sobre as contribuições e os impactos resultantes de um trabalho inovador e criativo e como esta ação está estimulando a imaginação da criança e despertando o seu interesse pela leitura, sendo assim, consideramos importante fazer a análise de uma das apresentações realizadas pelo BALE no distrito Bandarra/PB.

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também a mais difícil na educação de uma criança é ajudá-la a ir além da educação formal e encontrar significado na vida. Pois a escola institucionalizada apresenta vários livros, onde aprendem as habilidades necessárias para adquirir competências competitivas, independentes de significado, deixando uma lacuna na literatura que estimule o desenvolvimento da criatividade e da personalidade da criança. Na representação teatral das histórias, a criança é estimulada a buscar esses recursos dentro de si mesmos para lidar com problemas e medos interiores.

É nessa perspectiva que o programa BALE, volta seus interesses para olhares formativos, colocando em foco autores renomados que nos dão arcabouço para a realização deste artigo, que classificamos como bibliográfico e qualitativo, entre uma biblioteca tão vasta recorreremos aos seguintes: Bettlheim (2002), Freire (2015), Corso & corso (2006), bem como, outras publicações que tornam possível o aprofundamento do conhecimento que está em pauta neste trabalho. Já que a pesquisa bibliográfica é “aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno” (GONÇALVES, 2001, p. 65).

Assumindo essa forma prazerosa de fazer diferença no processo educativo da criança, destacamos os passos percorridos para tal objetivo, com base em relatos de atitudes positivas assumidas depois da passagem do programa BALE pelas instituições visitadas. Expomos três paradigmas. A HISTÓRIA- O HISTORIADOR – E O RECONTO – onde colocamos uma ênfase especial por se tratar da autonomia que a criança tem para expressar sua subjetividade.

Ao contar uma história ou encenar uma peça é necessário o cuidado com a faixa etária da idade do público alvo. A escolha deve sempre conduzir a criança a encontrar conexões com sua vida, pois em uma realidade frequentemente desconcertante, a mesma, busca possibilidades de se entender nesse mundo complexo que deve aprender a lidar. De acordo com o escritor, terapeuta e educador de

crianças, (BETTLHEIM, 2002.p 03), assume como tarefa principal para educá-las, buscar ou restaurar o significado da vida das mesmas.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

A característica principal de um bom historiador deve ser exatamente a moral da história que fica a critério da criança desvelar. Os grandes autores de obras infantis, geralmente se inspiraram em suas próprias vivências, colocaram no papel seus medos, anseios, dúvidas, decepções e esperanças.

Resultados e discussões

Olhares do BALE sobre a dramatização da leitura literária

A forma de a criança pensar difere qualitativamente do pensamento adulto/do que é real e o faz de conta despertam o encantamento de outra realidade, possibilitando através do fantástico mundo da imaginação, criar e recriar, estabelecer relações significativas com o meio social em que está inserido, elencando seu próprio conhecimento de mundo e de si mesmo, através de atividades mais autênticas de sua infância.

Uma ferramenta muito utilizada no universo infantil e que serve como arcabouço para o crescimento cognitivo da criança é a contação de histórias, por chamar a atenção da mesma, entreter e despertar a curiosidade, pois para que haja um enriquecimento em sua vida é necessária a liberdade da imaginação e a contação é a ferramenta que vem para despertar e estimular essa imaginação. A eficácia de uma interpretação bem-feita torna possível não apenas o desenvolvimento do intelecto, mas também ajuda a clarear seu estado emocional na busca da harmonia de suas ansiedades e aspirações; a criança se reconhece naquele cenário de dificuldade, mas ao mesmo tempo, consegue identificar sugestões que trarão possíveis soluções para tais problemas, fazendo com que a mesma se sinta confiante nela mesma e no seu futuro.

Usando como bússola norteadora o programa BALE - Biblioteca Ambulante de Leitura nas Escolas, por este apresentar a oportunidade para que a criança assimile o real aos seus interesses, pois a mesma sente a necessidade de brincar e jogar sem ser castrada de usar sua imaginação

simbólica, visto que, esta é a forma de expressar sua subjetividade usando os recursos da fantasia e assim, extrair essência do além texto, construir uma moral para cada estória de acordo com sua realidade.

E é por concordar com essa tese que o BALE tem o cuidado de apresentar uma adaptação que não precisa explicar para a criança o motivo do encantamento dela por aquela estória, pois acreditamos que o ato de ser cativada por tal estória é a possibilidade de se entender a partir de algum dos personagens e criar por si só mecanismos, que permitam entender porque a estória é significativa para ela. Entende-se também que as interpretações feitas por outros, mesmo que sejam adultos, por mais corretas que estejam, retira da criança a oportunidade de se sentir capaz de lutar e dominar sozinha seus medos e anseios, conseguindo êxito em situações difíceis. É por meio da brincadeira que a criança descobre o sentido/significado das coisas, já que é por meio desta que ela transforma o que até então era considerado algo monótono e desconhecido em uma verdadeira aventura, onde a partir da sua curiosidade inicial surge a magia e o encanto por poder ser sujeito participante da história e não apenas um mero espectador passivo.

É notório que essa maneira de aprendizado tem crescido significativamente nas últimas décadas e esse reconhecimento histórico da brincadeira representativa como essência natural da infância vem despertando o interesse de vários teóricos, através de estudos que visam a melhoria do processo ensino-aprendizagem, já que consideram e valorizam as atividades lúdicas como importante ferramenta na produção de conhecimento e desenvolvimento integral da criança na busca de significado para a vida.

O processo de criar-se, moldar-se a si próprio, não é tarefa fácil para ninguém. Na formação da personalidade por parte da criança, deve haver um estímulo que lhe seja atraente ou familiar. A coragem de romper com a inércia que a prende ao mundo infantil é uma decisão difícil, pois nessa etapa da vida, de forma geral, há sempre alguém na retaguarda amparando-as e protegendo-as, no entanto, essa proteção tem prazo de validade. A criança percebe que esse apoio não vai durar para sempre, quando se dá a chegada de novos membros a família, os cuidados que até então eram só seus, agora são em grande parte ofertados ao recém-chegado. Essa percepção dar-se-á também, em virtude da perda de um dos membros provedores do sustento da família, a criança percebe-se no invólucro de dúvidas e incertezas, e não sabe como lidar com tal situação.

Com a introdução das “estórias” de contos de fadas, a criança torna-se acessível ao conceito de evoluir. Através do contato com essas leituras infantis, a criança passa a entender que é importante viver cada fase de acordo com o que a realidade lhe apresenta.

Nas crianças, é mais fácil observar o impacto, da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas a usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. [...] o importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens. (CORSO & CORSO, 2006, p. 28, 29).

O processo da evolução interior na criança começa com a tomada de consciência e apropriação do conhecimento de que refugiar-se não é uma opção. Seus caminhos são basicamente definidos quando ainda são pequenos, pois os mesmos, já veem na família um espelho que reflete sua imagem no futuro, ou seja, “para cada idade um novo desafio, bem como, uma nova aparência”. Não há como escapar, o tempo passará. Vencida a etapa da opinião que é basicamente a primeira a ser atingida, a criança encontra a resistência necessária para enfrentar os sacrifícios, assim, elevam-se da caverna interior para experimentar novas impressões, inicia-se então, um mundo novo de encantamento e recriação. Para Bettlheim (2002), quando uma estória corresponde à maneira pela qual a criança se sente no íntimo – o que nenhuma narrativa realista provavelmente faz – ela atinge a qualidade emocional de “verdadeira” para a criança. Por isso, quando se ouve a estória, a criança considera que não é necessário sentir-se culpada pelos seus pensamentos de raiva.

Ao fazer a releitura de um conto de fadas, a criança encontra o conforto que precisa para o enfrentamento das adversidades, desse modo, a vida vira sua arte e sua arte é fazer com que sua existência se transforme em um espetáculo, onde o autor principal precisa também ser o protagonista da mais extraordinária e real obra que possa realizar, afinal ela o seguirá sempre, pois mesmo na idade adulta, essas narrativas protagonizam conhecimentos e traz à tona velhas proposições adormecidas no subconsciente infantil ao reler velhos escritos. Mesmo vivenciando uma realidade social-histórica, a criança recém transformada em adulto rejeita a condição de ser moldado apenas pelo meio social ou através de determinações já existentes na realidade contemporânea, mas a partir das suas próprias constatações.

A história por traz da “estória”

Apesar do filme FROZEN – UMA AVENTURA CONGELANTE, ser o filme de animação de maior bilheteria de todos os tempos segundo os muitos comentários da internet e a satisfação do público infantil, tendo faturado para Disney mais de um milhão de dólares só na bilheteria, e ter vencido o Oscar 2014 de melhor filme e canção, com a música “LET IT GO”, o que muita gente não sabe é que ele levou quase um século para ficar pronto. Até 2013, ano de sua estréia tinha sido desenvolvido vários projetos pela CIA DISNEY, mas nenhum saía do papel.

A história escolhida para adaptação no cinema foi “A RAINHA DA NEVE”, do Dinamarquês Hans Christian Andersen, com publicação datada de 21 de dezembro de 1844. A trama principal da obra gira em torno da luta entre o bem e o mal, vivida por uma garota chamada Gerda e um garoto chamado Kai. Em paradoxo ao tempo de virar filme, a obra original foi escrita em apenas cinco dias. E contou o fato de um rigoroso inverno acidental, mas que não aconteceu por motivos relacionados a princesas, mas sim, por causa de um espelho mágico que só refletia o lado ruim e obscuro das pessoas e das coisas.

Com o passar do tempo o espelho quis espalhar sua maldade no céu também, mas falha, na tentativa de elevar-se cada vez mais alto, despenca e se estilhaça sobre a terra. Alguns estilhaços caíram nos olhos das pessoas e o efeito foi proporcional ao gerado pelo espelho, tiveram o coração congelado e só enxergavam o mal. O menino Kai, foi um dos atingidos, tornou-se cruel e agressivo, destruiu o jardim onde brincava com Gerda, na sua visão tudo era mal e todas as coisas estavam erradas no mundo. Vagando sem rumo, foi encontrado e levado pela Rainha do Gelo para seu castelo, no entanto sua amiga Gerda nunca desistiu de procurá-lo. Andando pelas montanhas gélidas, ela avista um castelo e se dirige para lá, chegando, encontra seu amigo sozinho e imóvel ao lado de um lago congelado, parecendo uma estátua de gelo. Gerda corre para ele e beija-o, chora sobre ele lágrimas quentes que derretem o estilhaço do coração. O menino explode em lágrimas (que expulsa os estilhaços do olho) e volta a ser o garoto alegre e saudável novamente, deixando a certeza de que o amor é o único sentimento capaz de salvar a humanidade.

Pode-se dizer que Hans Cristhian Andersen, foi um prodígio, pois aos onze anos já havia demonstrado aptidões para o teatro e a literatura. No entanto, com essa mesma idade foi forçado a largar a escola para ajudar a manter a casa, pois seu pai havia morrido. Filho de um sapateiro e vivendo num quarto apertado, a sua infância teve um cenário pobre, o que influenciou bastante as histórias infantis e adultas.

Andersen, trabalhou como ator e bailarino em Copenhague, com quatorze anos já tinha escrito algumas peças, mas seu reconhecimento internacional veio em 1835, com o romance “O

IMPROVISADOR”. Apesar de vários romances e relatos de viagens escritos, o que o tornou imensamente famoso foram os contos infantis. Em suas histórias, Andersen buscava sempre passar padrões de comportamentos que deviam ser adotados pela sociedade, mostrando o confronto entre poderosos e desprotegidos, fortes e fracos. Sempre quis mostrar que todos os homens têm direitos iguais.

Entre os anos de 1835 a 1842, Andersen lançou seis volumes de “contos” para crianças, até 1872, já contava com 156 histórias. Neste mesmo ano adoeceu gravemente, permanecendo assim até 4 de agosto de 1875, quando faleceu em Copenhague. No dia 02 de abril é comemorado o dia internacional do livro infantil-juvenil, graças à sua contribuição para a literatura, para infância e adolescência. Entre tantas obras, destacamos: “O patinho feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A roupa nova do imperador”, “A pequena sereia”, “A menina dos fósforos”. Estes textos fazem parte do imaginário da maioria das crianças do mundo desde sua publicação até a atualidade, tendo sido adaptados para o cinema, o teatro, a televisão, desenho animado etc.

Um relato encantador sobre o BALE

Pomos em enfoque nesta seção, a apresentação realizada pelo BALE em Bandarra-PB. Para enriquecermos ainda mais esse trabalho, acreditamos ser de grande relevância expor um breve relato sobre a apresentação do BALE naquele distrito, o qual foi escrito pela Professora Jociélia Souza responsável por convidar o BALE a sua Escola:

Enquanto o sol desaparecia pelo horizonte, em um pátio amplo o BALE emocionava e encantava com a apresentação do poema: “O menino que carregava água na peneira” Manoel de Barros e o musical da Frozen. A magia daquele momento era sentida por todos, bastava perpassar o olhar por todos e mais precisamente o olhar forte e brilhoso, o coração palpitante, as mãos que não paravam, as pernas que não encontravam descanso ao presenciar aquele espetáculo. Consideramos este momento um marco na vida escolar dos alunos, pois a partir de então houve um maior estímulo pela leitura, haja vista que após o evento as crianças debatiam, repetiam, sonhavam e comentavam como tinha sido bom. Indagavam quando o BALE retornaria à escola. Ter o BALE na escola foi uma experiência incrível e ímpar, promotora de transformações na prática docente e na prática estudantil. Portanto, são imensuráveis a positividade e o incentivo para transformação da realidade que o grupo BALE promove quando passa pelas Instituições, ressignificando o sentido da leitura e dando uma lição da partilha de conhecimentos, de dons e da forma prazerosa de se formar leitores autônomos e competentes. (Entrevista: E-mail. Profa. Jociélia Souza)

Aqui percebemos que o BALE carrega em suas bagagens magia, alegria e energia, porém não se conforma em apenas carregar, por esse motivo contagia todos com essas raras qualidades. Conforme demonstrado no depoimento daquela que está presente todos os dias do ano letivo na vida daquelas crianças. Não devemos dizer que esta é a conclusão de um trabalho, pois para aquele pequeno Distrito foi apenas o começo de um lindo e significativo trabalho na vida de todos os alunos que residem e estudam naquela escola. Como bem narrou a Professora JOCIÉLIA SOUZA, a magia daquele momento impactou a todos e graças a um trabalho já desenvolvido pela referida professora que culminou com a apresentação do BALE, como reafirma daquele dia em diante tem havido interesse significativo pela leitura literária, haja visto que cada criança quando ouve uma história se identifica imediatamente com um personagem e tendência a personificá-lo do seu jeito, formando assim o reconto, que já é um ícone dos pontos positivos do BALE.

Considerações Finais

Ao finalizarmos a escrita do presente artigo, consideramos importante refletirmos sobre a positiva influência que a contação de “estórias” tem, no que diz respeito a imaginação, criatividade e aprendizagem da criança, já que é esse instrumento lúdico que motiva a criança ser parte daquilo que está sendo representado.

O mundo da fantasia acontece quando as crianças passam a ser protagonistas da história que está sendo representada, quando demonstram em seus semblantes e em suas ações a felicidade de estarem envolvidas por um espaço que se torna mágico no momento em que alguma peça entra em cena.

Sendo assim, acreditamos que o BALE cumpre seu papel social, quando atinge a meta que foi conseguida no Distrito da Bandarra, pois a partir da data de realização do evento, este serviu de inspiração para que fosse implantado na escola a contação de história com fantoches, onde as crianças tornam-se personagens/autores das histórias que contam. Nesse universo as crianças encontram respostas para muitos dos seus questionamentos internos com isso reconstrói conceitos que foram formados de forma minguada sem expectativas concretas que entrelaçam o sujeito com o processo investigativo/construtivo que ela mesma pode desenvolver através do cognitivo.

Consideramos, por fim, que com o estímulo dos professores certos, a contação de história pode despertar na criança a força que ela precisa para encontrar uma compreensão significativa que

explique o mundo ao seu redor, vivendo cada fase como fundamental para o desabrochar da construção saudável da personalidade que será o arcabouço que o acompanhará sempre.

Referências

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. ed. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

CORSO, M. & CORSO. D. **Fadas no divã**. ed. Artmed: Porto Alegre, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. ed. Paz e Terra: São Paulo, 2015

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. ed. Alínea: Campinas, 2001.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira. Projeto BALE: ação conjunta entre universidade e a comunidade paufferrense. Pau dos Ferros: UERN, 2006.